



*O biólogo Luiz Rocha desbrava recifes de coral a 150 metros de profundidade nas Maldivas e conquista Rolex Awards for Enterprise*

# MERGULHO NO DESCONHECIDO

POR DÉCIO GALINA



**O TÚNEL DO TEMPO MENTAL LEVA O PARAIBANO LUIZ ROCHA AOS SEUS 5 ANOS DE IDADE, ÉPOCA EM QUE FAMILIARES E AMIGOS EM JOÃO PESSOA MANTINHAM TANQUES DE CIMENTO FORA DE CASA PARA CRIAR PEIXES.** “Ficava horas observando os peixes, e queria continuar a vida inteira fazendo aquilo...” Recorda também a primeira menção do termo biólogo, na 3ª série do Primário. “O professor de Ciências trouxe um aquário para a sala; fiquei tão interessado sobre a vida dos peixes que ele disse que eu seria um bom biólogo.”

O que o garoto, hoje com 48 anos, não previa é que o mergulho no assunto fosse profundo a ponto de transformá-lo em uma das principais referências mundiais em ictiologia (estudo dos peixes), com doutorado em Ciências Aquáticas e da Pesca na Universidade da Flórida e Full Curator (professor) na Academia de Ciências da Califórnia, pós-doutorados no Smithsonian Tropical Research Institute e na Universidade do Havá, com 150 artigos científicos publicados e 6 mil horas sob a linha d'água em mais de 70 expedições ao longo de 20 anos.

O projeto de estudar e proteger recifes profundos (30 e 150 metros) no Oceano Índico, baseado nas Maldivas, colocou o nome de Luiz Rocha entre os cinco laureados no Rolex Awards for Enterprise 2021, que foca em ideias ousadas, capazes de redefinir o futuro. A premiação acontece há 45 anos e nasceu para celebrar o 50º aniversário do modelo Oyster. A cada dois anos, os vencedores ganham cerca de R\$ 1 milhão para seus projetos e participam da rede global da Rolex. O júri se reuniu virtualmente para peneirar os cinco laureados em uma lista de 15 finalistas – foram 1.659 candidatos de 139 países.

Os outros quatro vencedores vieram do Chade (Hindou Oumarou Ibrahim: usa conhecimento de povos indígenas para mapear recursos naturais); dos Estados Unidos (Felix Brooks-church: combate à desnutrição na Tanzânia); do Nepal (Rinzin Phunjok Lama: protege a biodiversidade da região trans-himalaia) e do Reino Unido (Gina Moseley: lidera a primeira expedição a cavernas do Ártico para estudo de mudanças climáticas). Outros dois brasileiros já foram laureados: Laury Cullen Jr. e João Campos (leia no box).

No caso do trabalho de Luiz Rocha, ele e sua equipe estão mergulhando em profundezas desconhecidas nas Maldivas. Mesmo inexplorados, eles sabem que os recifes mesofóticos (de grande profundidade) estão lá. Os mergulhos não são nada simples, e Luiz é um dos

*“No Oceano Índico, não há estudos feitos a mais de 60 metros de profundidade. Esse foi um dos principais fatores que me levaram a escolher esta região – é a área do mundo menos conhecida nessa profundidade (80-150 m).”*

poucos cientistas marinhos com domínio da técnica. O projeto, que prevê três expedições ao longo de dois anos, em parceria com o Ministério da Pesca das Maldivas, irá ampliar muito o conhecimento sobre as espécies que vivem nos recifes e também fornecerá valiosos dados sobre condições e mudanças de temperatura durante longos períodos. Novas espécies de peixes devem ser encontradas. A seguir, a entrevista com Luiz Rocha, que vive em São Francisco (Califórnia).

FOTO: BART MICHIELS

**LUIZ ROCHA:**  
DAS POÇAS RASAS DE  
JOÃO PESSOA PARA  
AS PROFUNDEZAS DO  
OCEANO ÍNDICO



**Forbes: Onde passou a infância e como começou a se interessar por corais profundos?**

**Luiz Rocha:** Passei a infância em João Pessoa: sempre que podia, ia à praia. Gostava de ir em dias em que a maré estava bem baixa. Assim, observava animais interessantes nas poças que se formam. Aos 15 anos, participei do primeiro curso de uma escola de mergulho na cidade. Sempre tive uma mentalidade de explorador, sempre quis ir mais fundo. O interesse pela proteção de recifes profundos é mais recente. Antes, achavam que esses recifes estavam protegidos dos humanos – mas não. Mesmo a 150 metros de profundidade, se vê o impacto: lixo, linhas de pesca, poluição...

**Qual é a principal referência que te inspira nessa pesquisa?**

É o pesquisador Richard Pyle, que mora no Havá. Ele começou a explorar esses recifes no final da década de 90. Hoje em dia tenho o prazer de colaborar com ele em várias linhas de pesquisa.

**Por que o foco da sua pesquisa é o Oceano Índico?**

O pouco que sabemos sobre recifes mais profundos vem do Pacífico, Caribe, Brasil. No Oceano Índico, não há estudos



LUÍZ ROCHA MERGULHA  
NAS ILHAS MARSHALL  
(OCEANIA)

feitos a mais de 60 metros de profundidade. Esse foi um dos principais fatores que me levaram a escolher esta região – é a área do mundo menos conhecida nessa profundidade (80-150 m).

#### Quais são as dificuldades técnicas em um mergulho deste?

Demora de cinco a dez minutos para chegar ao fundo, entre 100 e 150 metros. Então, temos entre cinco e dez minutos de trabalho de alta intensidade e adrenalina para pescar e tirar fotos de peixes. Precisamos controlar todos os sistemas do rebreather (equipamento recicla o oxigênio e amplia tempo do mergulhador na água) para garantir que tudo esteja funcionando perfeitamente. Pode levar até cinco horas para subir. É muito arriscado: nos últimos cinco anos, três cientistas morreram fazendo esse tipo de mergulho. Nosso time tem feito, em média, quatro expedições por ano, com dez mergulhos em cada uma.

*Antes, achavam que esses recifes estavam protegidos dos humanos – mas não. Mesmo a 150 metros de profundidade, se vê o impacto: lixo, linhas de pesca, poluição...*

#### Quais são os seus pontos prediletos de mergulho no Brasil?

Em termos de mergulho raso, meu predileto é o Parcel de Manuel Luiz, no Maranhão. Em termos de recifes profundos, adorei Fernando de Noronha. Fizemos uma expedição pra lá em outubro de 2019 e encontramos muitas novidades!

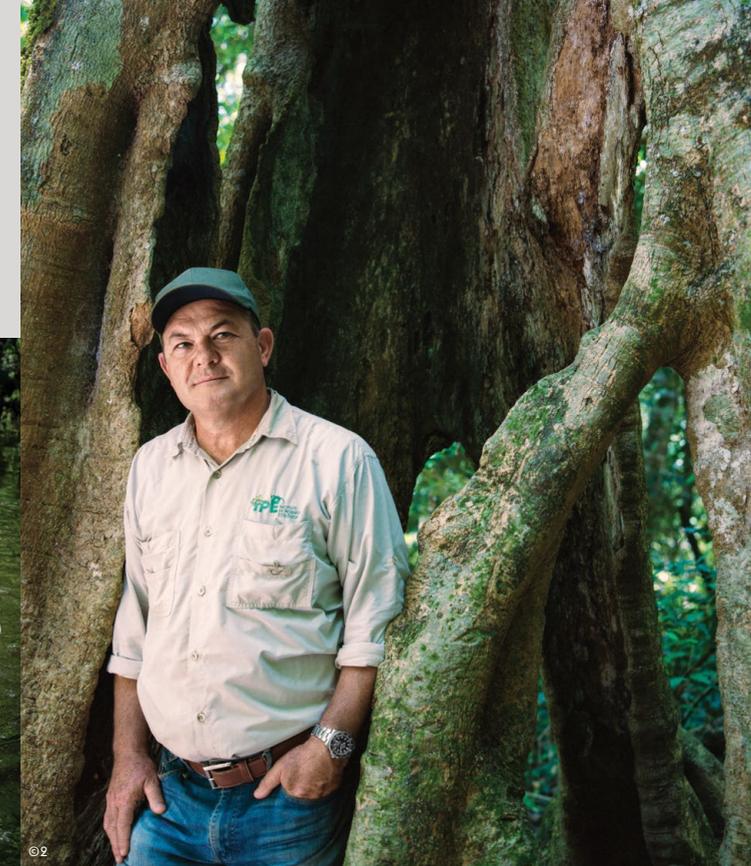
#### Gosta de filmes envolvendo a temática de mergulho?

Um dos meus preferidos é “Life Aquatic” (de 2004, com Bill Murray), uma sátira ao Jacques Cousteau, um de meus ídolos. Outro muito bom é “The Big Blue” (1988). O que retrata mais de perto o tipo de mergulho que faço é “Sanctum” (2011), uso aquele tipo de equipamento, mas não em caverna.

#### Qual é seu principal objetivo com o Rolex Awards?

Utilizar a influência da marca para aumentar a visibilidade dos recifes profundos e desprotegidos. Por exemplo, o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha é uma das mais eficientes áreas de preservação marinhas do mundo, mas não inclui recife profundo – acaba aos 50 m de profundidade. ●

FOTO: TANE SINCLAIRE-TAYLOR; ©1 MARC LATZEL; ©2 DIEGO BRESANI



## “Devemos dar voz às comunidades tradicionais da Amazônia”

Luiz Rocha foi precedido por dois brasileiros laureados pelo Rolex Awards: o engenheiro florestal Laury Cullen Jr., em 2004, e o biólogo João Campos, em 2019. “O envolvimento com Rolex Awards é como selo de aprovação e um dos melhores reconhecimentos que nosso projeto já teve”, conta Laury sobre o restauro de corredores verdes de Mata Atlântica espremidos pela expansão agrícola no Pontal do Paranapanema, oeste de São Paulo.

Laury explica que a caminhada é constante e longa. “Nosso projeto Corredores de Vida tem a ambição de restaurar aproximadamente 60 mil hectares de florestas na Mata Atlântica Paulista, sustentado pelo tripé Clima, Comunidade e Biodiversidade. Com o apoio da Rolex e outros financiadores já restauramos 3 mil hectares de florestas, e com certeza ganhamos o reconhecimento para pavimentar o caminho para esse grande sonho e nobre missão.”

JOÃO CAMPOS E O PIRARUCU: PROJETO DE MANEJO DA ESPÉCIE CHAMOU A ATENÇÃO DA ROLEX

LAURY CULLEN JR. E A LUTA PARA CRIAR UM CORREDOR DE MATA ATLÂNTICA EM SÃO PAULO

Já João Campos, premiado há dois anos, lamentou as atividades canceladas em 2020 por causa da pandemia, mas, este ano, festeja a expansão do projeto de manejo do pirarucu na Amazônia, modelo criado pelo Instituto Mamirauá. “Em 2021, vamos ampliar a proteção comunitária de lagos e o manejo do pirarucu para 2 mil quilômetros do rio Juruá, garantindo geração de renda e segurança alimentar para as comunidades rurais”, contabiliza João. “O pirarucu é um grande exemplo positivo em que diversas organizações trabalham juntas para proteger a biodiversidade e o bem-estar das pessoas. Ele nos mostra que, se quisermos uma Amazônia viva e saudável no futuro, devemos dar voz às comunidades tradicionais, protetoras da floresta há muito mais tempo. Em uma época de notícias dominadas pela destruição da floresta, João enaltece a iniciativa da maison suíça de relojoaria. “Prêmios como o da Rolex são importantes para colocarmos resultados positivos nos holofotes: assim, as pessoas renovam as esperanças de que um mundo socialmente mais justo e ambientalmente sustentável é ainda possível.”